

Triplo auto-retrato, 1960



WILLIAM A. H. BIRNIE

A arte de Norman Rockwell

Um álbum de quadros memoráveis pelo artista
mais admirado dos Estados Unidos

NORMAN ROCKWELL tinha 22 anos quando desenhou sua primeira capa para a revista norte-americana *Saturday Evening Post*. Mais de meio século depois, já tinha produzido 317 capas, cada qual impressa numa média de quatro milhões de exemplares. Algumas eram humorísticas, outras nostálgicas, ou-

tras evocavam recordações de infância, mas todas tinham uma característica em comum: uma reflexão fielmente notável e meticulosa sobre as aspirações e realizações do povo norte-americano. Rockwell recriou a visão de um povo de forma tão vívida que Robert Beverly Hale, curador emérito de pintura e escultura norte-

DESENHOS DE CAPA POR NORMAN ROCKWELL, REPRODUZIDOS DE "THE SATURDAY EVENING POST",
© 1960, 1929, 1951, 1945, 1953, 1954, 1940, 1948, 1945, DE THE CURTIS PUBLISHING COMPANY



O médico e a boneca

Esta capa do Saturday Evening Post, publicada em 1929, mostra o gênio de Rockwell para contar uma história sem usar palavras

americanas do Museu Metropolitano de Arte, de Nova York, o classificou de «o pintor mais americano de nossos tempos».

Embora sua obra tenha sido exibida em museus tão prestigiosos como a Galeria Corcoran, de Washington, D. C., o reconhecimento foi vagaroso entre os tradicionalistas que admiram um quadro como se estivessem numa igreja. Este reconhecimento tardou, mas não falhou — e ainda trouxe em si uma desforra. Hoje, Rockwell só pinta por encomenda e suas obras são

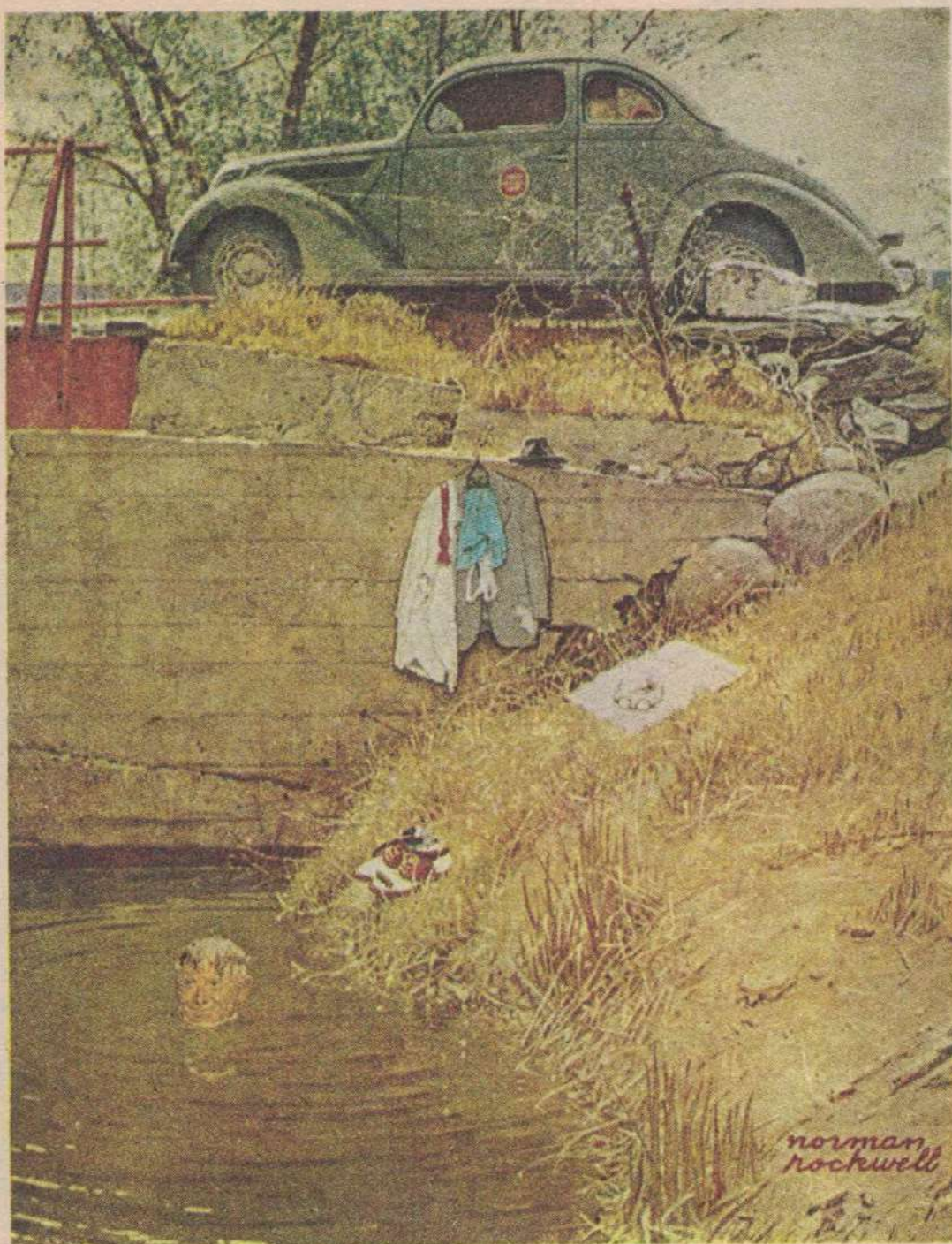
reproduzidas aos milhares. Quando seus quadros são vendidos, as cifras que atingem (em dólares!) têm cinco algarismos.

Depois do próprio artista, a maior autoridade em Norman Rockwell hoje em dia é Thomas S. Buechner, diretor do Museu de Brooklyn. Há pouco mais de dez anos, Buechner disse: «Normalmente, é difícil levar a sério um artista que produz tanto como Norman Rockwell, e, de fato, nem sempre ele é levado a sério pelas pessoas que vivem no mundo das ar-



A prece, 1951

Uma pesquisa revelou que esta era a ilustração favorita dos admiradores de Rockwell, pois é o exemplo perfeito de como o artista consegue captar um momento da realidade e insuflar-lhe eterno significado



O nadador feliz, 1945

«Este desenho foi feito no fim do inverno, quando ainda fazia muito frio para se nadar na lagoa», diz Rockwell; assim, permitiu que seu modelo posasse num estúdio aquecido

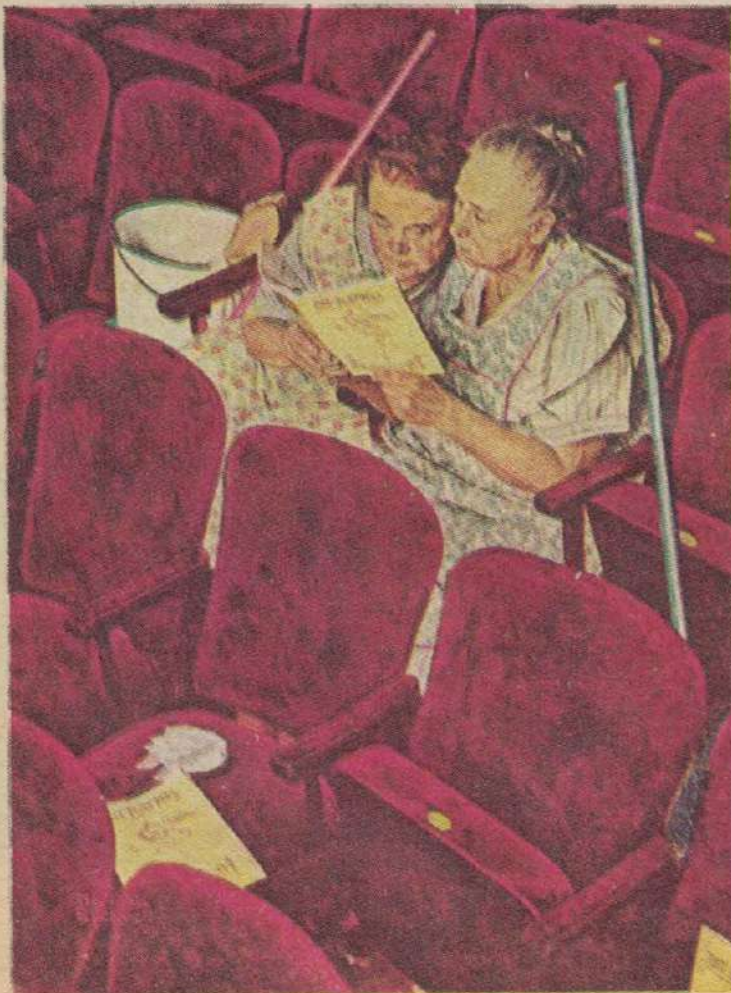
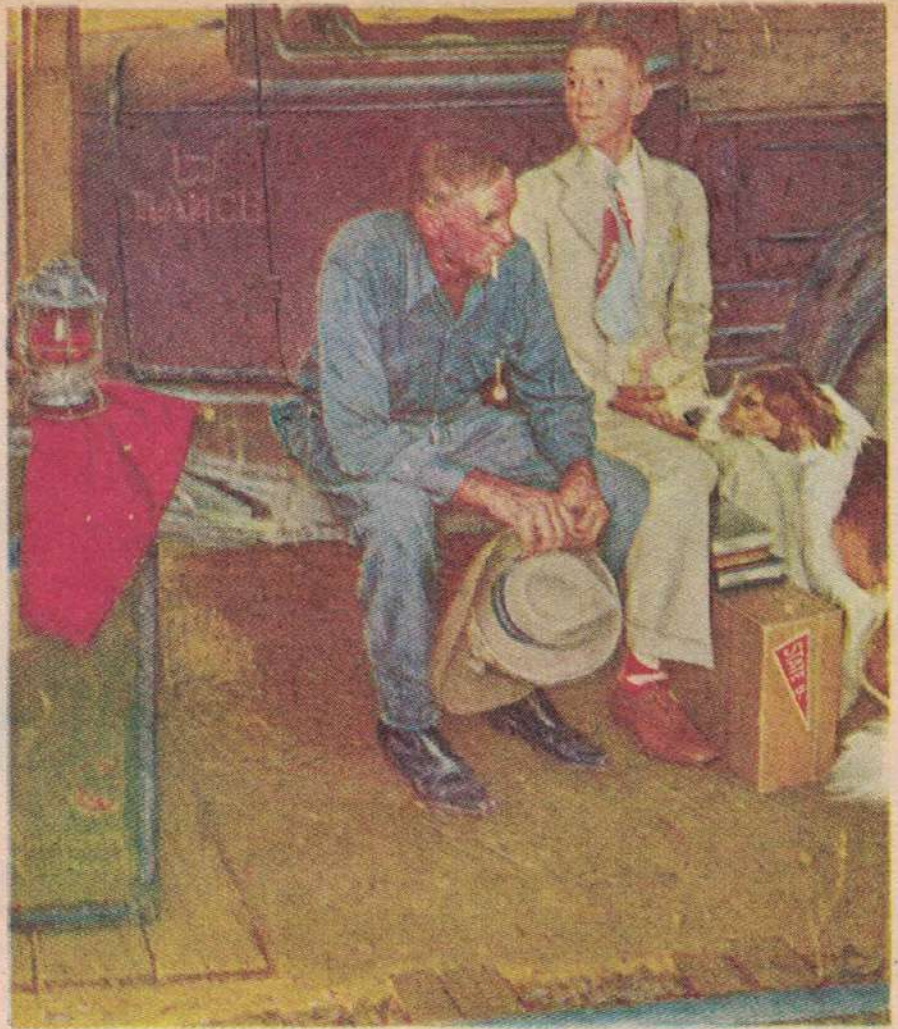
Precisando de um modelo, Rockwell publicou um anúncio num jornal, dizendo que pagaria cinco dólares a uma criança com «um tapa-olho fresquinho»; uma menina se apresentou, não com um tapa-olho, mas com dois, e Norman os combinou nesta beleza



A garota com o tapa-olho, 1953

Dia da partida, 1954

Os três filhos de Rockwell estavam fora de casa, estudando, quando ele pintou esta cena tocante de pai e filho na estação, esperando pelo trem que levaria o rapaz à universidade



As arrumadeiras

Duas vizinhas de Rockwell posaram para esta cena no Majestic Theater de Nova York. «Certa vez, usei uma respeitável matrona de sociedade numa ilustração idêntica», recorda Rockwell, «mas ela nunca mais falou comigo»



A fofoca, 1948

Rockwell amadureceu esta idéia durante anos, antes de realizá-la.

« Simplesmente não sabia como terminar esta história, até que me ocorreu fazer com que a fofoca fechasse o ciclo, retornando à pessoa que a iniciara »

tes. Creio que isso é um erro.» Recentemente (e, como era de se esperar, para um dos artistas mais populares do mundo), Buechner produziu um dos livros de arte mais monumentais de todos os tempos. Publicado pela casa Harry N. Abrams, Inc., *Norman Rockwell: Artist and Illustrator* é um livro que pesa quase seis quilos, tem 614 ilustrações e custa 60 dólares. Mesmo assim, a primeira edição se esgotou rapidamente.

Tão essencialmente norte-americano como os personagens que desenha, Rockwell começou a trabalhar para uma revista de escoteiros e fazendo cartões de Natal. Era tão habilidoso que, aos 19 anos, tornou-se diretor de arte da revista *Boy's Life*. Sua educação formal, no entanto, tinha um sabor ligeiramente internacional. Após deixar o ginásio em Mamaroneck e ir de trem diariamente a Nova York, para freqüentar a Academia Nacional de Desenho e a Liga dos Estudantes de Arte, foi estudar em Paris. Voltando aos Estados Unidos, continuou a refinar a técnica ao longo de sua carreira, pintando durante anos para o famoso Estúdio Arlington, em Vermont.

Hoje, com 80 anos, Rockwell trabalha no estúdio atrás de sua casa em Stockbridge, Massachusetts, onde não perde o antigo hábito de transformar os vizinhos em modelos. Ao

fazer o elogio de Rockwell e explicar por que agrada tanto, Buechner observava: «Ele gosta das pessoas que pinta e das pessoas para as quais pinta. Sabe que, se as divertir, estará divertindo a si próprio. Há muito tempo, ele disse: 'De alguma forma, as pessoas transbordam dos limites da moldura e, se você estiver interessado nos personagens que desenha, se os compreender e amar, quem observar o seu quadro se sentirá da mesma forma.'»

Esse observador é invariavelmente vencido pelo entusiasmo que o artista põe em seu trabalho. «Como todos os artistas dedicados», disse Kenneth Stuart quando era diretor de arte do *Saturday Evening Post* (hoje ocupa essa mesma posição no *Reader's Digest*), «Norman sempre espera que seu novo quadro seja melhor do que o anterior. Não pára de roer as unhas um minuto enquanto o trabalho está no correio, até que eu lhe telefono e digo que já chegou, que está ótimo, maravilhoso. Então, Norman diz: 'Está ótimo, mas é porque você ainda não viu o que eu estou fazendo agora!」

Seu olho para os detalhes sempre foi tão perspicaz que tem sido injustamente chamado de fotográfico, e não de imaginativo. «Sentado no estúdio», escreveu Norman, «posso imaginar uma composição especial, mas

O regresso do soldado, 1945

Esta ilustração foi considerada «a melhor capa até então publicada numa revista» — a cena ali representada poderia se passar em qualquer lugar do mundo



norman
rockwell

sempre há um pequeno detalhe que fará a ilustração parecer real.» Certa vez, por exemplo, para pintar uma oficina de ferreiro, visitou uma em South Shaftsbury, Vermont. «O cartaz na porta da oficina dizia FERRADURAS PRÁTICAS E ARTÍSTICAS», comentou ele. «Eu nunca teria sido capaz de imaginar uma coisa dessas.»

O próprio artista observou, a respeito de «O nadador feliz» (veja página 50), uma das razões por que seu trabalho fez tanto sucesso: «Gosto de pintar algo que, em vez de mostrar um único incidente, trace o curso de uma ação sobre determinado período. Aqui se pode ver que o vendedor saiu do carro e tirou a roupa, mas não os sapatos, porque tem pés delicados. Então, na beira do rio, finalmente se descalçou, entrou na água e, pouco antes de mergulhar, depositou num dos sapatos o charuto, para fumar assim que viesse para terra.» É essa a sensação que seus admiradores partilham em cada desenho, e então exclamam: «Parece real!»

Rockwell não acredita na arte pela arte. Seu objetivo sempre foi o de fazer com que o coração batesse um pouco mais depressa, os olhos vissem um pouco mais e os ideais parecessem mais válidos. «O fato de ter conseguido cativar os corações de tanta gente é fácil de compreender quando o conhecemos», diz Ben Hibbs, editor-chefe do *Saturday Evening Post* durante duas décadas e hoje um dos editores do *Reader's Digest*. «Ele próprio traz dentro de si uma galeria de personagens de Norman Rockwell — amável, humano, profundamente norte-americano e sempre repleto de uma intensa alegria de viver.»

FONTES parciais deste artigo: *Norman Rockwell, Artist and Illustrator*, de Thomas S. Buechner, © 1970 de Harry N. Abrams, N. V., Holanda; *My Adventures as an Illustrator*, de Norman Rockwell, Doubleday, © 1960 de Curtis Pub. Co.; *The Norman Rockwell Album*, © 1961 de Doubleday.



DIZEM que o dinheiro não compra a saúde, mas as coisas estão chegando a um ponto em que também não comprará a doença. — B. V.

A CORAGEM é como o amor — é preciso esperança para nutri-la. — Napoleão Bonaparte

UMA NOVA geração de inseticidas econômicos e não-intoxicantes está a caminho: pássaros! — The Kiplinger Magazine